

Brasil paga hoje US\$ 1 bilhão a bancos

Miriam Leitão

O Brasil liquida hoje a última conta ainda pendente da moratória, quando sacará das reservas cambiais US\$ 1 bilhão e receberá outros US\$ 2 bilhões dos bancos credores para pagar todos os atrasados de 1987. Pela complexa engenharia montada pelo Brasil, as reservas ficarão desfalcadas apenas uma semana ou um pouco mais. Esse dinheiro será repostado quando os bancos desembolsarem a primeira parcela do dinheiro novo, como o governo gosta de chamar o refinanciamento de juros, dentro do no máximo duas semanas.

Os juros atrasados de 87 chegavam a US\$ 4,5 bilhões quando em dezembro do ano passado o então negociador da dívida brasileira, Fernão Bracher, acertou com os bancos um acordo interino pelo qual o Brasil pagaria parte dos juros, os bancos refinanciariam outra parte e assim acabaria a ameaça de que as autoridades americanas classificassem o país como mau pagador. Era um sinal para a saída da moratória. Por este acordo provisório, os bancos adiantariam ao todo US\$ 3 bilhões, e o resto dos juros seria pago com a reserva brasileira.

Desses US\$ 3 bilhões, US\$ 1 bilhão foi desembolsado pelos bancos imediatamente, e o Brasil sacou US\$ 500 milhões, e todo o dinheiro voltou aos bancos já no final de 87, representando os atrasados de primeiro de outubro a 31 de dezembro. Os negociadores brasileiros explicam que pode parecer uma loucura, mas não é esta estranha operação em que os bancos paguem para que o Brasil pague aos bancos. Desta forma, atendiam-se às exigências da lei bancária americana.

Os outros US\$ 2 bilhões estão sendo desembolsados hoje para o Brasil, que saca outro US\$ 1 bilhão da reserva e entrega tudo aos bancos e assim paga os juros que estavam pendentes de fevereiro a setembro e o Brasil liquida a conta que tentou não pagar. As reservas ficam assim temporariamente desfalcadas, mas o dinheiro vai ser repostado, segundo garantem no Banco Central.

Dentro de duas semanas, no máximo, os bancos entregarão ao Brasil US\$ 4 bilhões, que é a primeira parcela do total de US\$ 5,2 bilhões negociado dentro do acordo assinado com os bancos depois de longa negociação. Desse total, US\$ 3 bi-

lhões voltam aos bancos como forma de pagar o dinheiro adiantado no acordo provisório de Bracher, e o outro bilhão vai direto para o reservatório de moedas fortes do Banco Central.

O Banco Central alega que toda esta operação, complicada, esse entra e sai de dólares, foi necessária para evitar que o Brasil descesse mais um degrau na classificação de devedor feita de acordo com os parâmetros americanos. Esta desclassificação brasileira colocaria também os bancos em situação complicada porque, se os empréstimos brasileiros fossem considerados *non accrual*, os bancos teriam que fazer o *write-off* da dívida brasileira. Ou seja, considerado o Brasil um devedor duvidoso, os bancos em seus balanços teriam que dar baixa dos créditos concedidos ao Brasil. O país, argumenta um negociador, não poderia ter mais crédito na praça americana, e os bancos teriam parte do seu patrimônio arruinado com óbvias repercussões em termos de queda de ações. De qualquer maneira, resta um problema: o Brasil pagou aos bancos por este dinheiro usado para pagar os próprios bancos juros, *spread* e uma comissão para os bancos que aderiram ao empréstimo interino.